

Os desafios da obra, na perspetiva da Teixeira Duarte

Tiago Vieira

Diretor da obra, Teixeira Duarte – Engenharia e Construção, S.A.

A requalificação do edifício do MUDE — Museu do Design revelou-se ser um grande desafio e, principalmente, um enorme privilégio para todos os que colaboraram na execução dos trabalhos. Para mim, que tive a oportunidade de conduzir a direção da obra, foi uma grande honra poder ter feito parte deste projeto único.

Trata-se de um edifício que não deixa ninguém indiferente, não só pela localização, mas particularmente pela dimensão e imponência, pelos usos nobres que teve na sua história, pela diversidade de materiais aplicados e pela grandiosidade de espaços que contrastam rapidamente com outros de grande detalhe e pormenor.

Começando pelo desafio: fazer a requalificação de um edifício histórico que é, em si mesmo, como definido pela direção do MUDE, parte integrante da exposição museológica e, por si só, um motivo de grande interesse. Este facto torna esta obra numa construção singular, diferente de todas as outras, com soluções construtivas não óbvias, onde existiu um apelo constante à criatividade dos diversos intervenientes. A nível da construção, a criatividade foi necessária porque grande parte das soluções pensadas e pretendidas não constam das habituais e correntes técnicas de construção utilizadas nos dias de hoje, o que faz com que mereça a pena detalhar algumas.

O reforço estrutural das fachadas é uma solução inovadora, não intrusiva na arquitetura existente, que consistiu na colocação de molduras interiores aos vãos de fachada, em chapa de aço com 12 mm de espessura, garantindo também um efeito estético nas zonas positivas. Estas chapas foram «cosidas» horizontal e verticalmente entre elas, através de varões de aço, de forma contribuindo para o confinamento lateral do nembro de alvenaria de pedra e tijolo, e a ficarem solidarizadas ao lintel de betão existente entre pisos. Percebida a solução, a dificuldade prendia-se em como executar a mesma. Dado que estas molduras ficariam à vista, teve de se criar um procedimento exaustivo e detalhado de forma a minimizar soldaduras. Tendo em conta o peso e a dimensão das chapas, foi necessário idealizar equipamentos que permitissem o seu armazenamento e transporte dentro do edifício e a elevação das mesmas para a sua posição final. Outra dificuldade verificada, prendeu-se com a necessidade de um levantamento exaustivo de cada vão, dado que cada um tinha uma medida diferente, exigindo uma modelação afinada de todo o edifício.

Um trabalho que exigiu um acompanhamento rigoroso de cada detalhe, de forma a que a solução final ficasse também com um aspeto uniforme e esteticamente agradável.

Além do reforço geral das fachadas, existiram ainda outros locais de menor abrangência, mas onde as vertentes da metalomecânica e do reforço estrutural de betão armado se revelaram de grande complexidade técnica:

- › Tamponamento de vãos das fachadas transversais, nomeadamente da Rua Augusta, através de uma solução metálica rígida ancorada por microestacas, nos dois vãos laterais de cada lado da entrada principal do edifício — este foi também um novo sistema que substituiu a construção de um núcleo de betão muito mais intrusivo. Mais uma vez, a componente de soldadura em obra, aliada ao peso (estrutura com mais de 25 toneladas de aço) obrigou a um planeamento detalhado e rigoroso da operação.

- › Fecho de junta de dilatação entre os dois corpos que constituíam o edifício: na génese, este quarteirão era constituído por edifícios com diversos usos, independentes e até com algumas diferenças de cotas dentro do mesmo piso, o que foi necessário uniformizar. O fecho da junta de dilatação, «cosendo» dois edifícios em todos os pisos revelou-se uma tarefa minuciosa, principalmente quando entrava em conflito com acabamentos existentes que se pretendia manter, sem danificar.

- › Reforço de pilares de betão existentes: a dificuldade maior passou, mais uma vez, pelo conflito com os revestimentos existentes de grande valor patrimonial. Obrigou a desmontagem de elementos, proteção de outros e reconstituição final dos revestimentos históricos existentes.

- › Execução de reforços da zona central do edifício e divisão de saguão vertical em cinco pisos para criação do espaço necessário às áreas técnicas que suportam os equipamentos e as infraestruturas fundamentais para garantir a qualidade do ar no museu, sem que estes se tornassem intrusivos na arquitetura do mesmo: a execução destas estruturas em espaços confinados e de difícil acesso revelou-se um desafio complicado, apenas ultrapassado com o engenho empenhado de todas as equipas envolvidas.

Parte do desafio passou também pela necessidade de adaptar as soluções face ao que se foi encontrando em obra, o que nem sempre ia ao encontro do que foi pensado em fase de projeto. De uma dessas situações, fruto de nembos que não se encontravam totalmente maciços, foi necessário reforçá-los para garantir a resistência da fachada projetada. Surgiu, o acabamento presente na área expositiva do piso 4, cujo resultado ficou completamente integrado dentro do edifício, trazendo mais uma solução diferente e característica.

A criação de novos elementos arquitetónicos cujo ajuste com os

elementos existentes e/ou a preservar resultou num aspeto final feliz e integrado, levou ao surgimento de vários problemas durante a execução. A título de exemplo, a cobertura, que se pretende tornar um restaurante com esplanada e espaço verde, obrigou à criação de novas áreas, onde se pretendia a manutenção das lajetas em lioz do pavimento e da parede com revestimento a telha feita à mão especificamente para o edifício. Foi necessário um trabalho moroso de preparação e execução, de forma que o aspeto final não denotasse que as estruturas existentes tiveram de sofrer adaptações.

Um espaço que é também necessário destacar, pela integração de alguma modernidade e de uma peça histórica existente, é a zona de residência de designers. Tratava-se de uma área em esconso, sem janelas e escura, que foi transformada num espaço agradável. Para isso, foi necessária imaginação para executar uma estrutura arredondada composta por uma iluminação criativa e um painel de azulejos previamente restaurado que tinha feito parte de outro local do edifício.

Um dos principais sucessos desta requalificação é, sem dúvida, a adaptação do edifício antigo, preservando muitas das suas características originais, à legislação atual a nível de segurança contra incêndios, renovação de ar, climatização, instalações elétricas, etc. Esta excelente integração obrigou, no entanto, a complexidades técnicas de execução e a inúmeras negociações entre as várias especialidades, por exemplo, para colocar um gerador, áreas técnicas e reservatórios de incêndio no piso -1, onde o acesso é complicadíssimo, sem danificar as preexistências. Também neste piso, o objetivo de manter toda a instalação original dos antigos cofres do banco, obrigou a uma grande flexibilidade de todos os envolvidos, de forma a conseguir garantir sistemas integrados que cobrem todas as áreas do edifício. No auditório (piso 2), a ideia de um teto falso em burel, contemplando ao mesmo tempo todas as infraestruturas obrigatórias para uma sala com a dignidade desta, é outro excelente exemplo desta integração.

Por tudo o que já foi descrito, é fácil perceber que existiu a necessidade de haver uma atividade transversal a todos os trabalhos envolvidos, nomeadamente a conservação e restauro. Esta atividade esteve presente desde o início dos trabalhos, por ter sido necessário desmontar e conservar vários elementos históricos, até ao final, quando foram reaplicados e restaurados todos os elementos que existiam no edifício. O confronto e a compatibilização entre a intervenção absolutamente profunda que o edifício previa e a preservação do elevado património existente por todos os pisos levaram a alguns conflitos e tensões que apenas foram possíveis de ultrapassar pelo sentimento unânime de todos os intervenientes que estávamos perante uma obra única e irrepetível.

No que diz respeito ao património histórico existente no edifício destacaram-se as madeiras, dada a sua extensão em toda a área de escritórios e salas nobres do piso 1, mas também em algumas salas no piso 2 e no próprio auditório. Neste campo, além dos desmontes e posteriores remontagens devido aos reforços estruturais já falados, as madeiras existentes foram limpas, recuperadas e recolocadas. Outro material, não menos importante, foram as cantarias, sendo de realçar a grande diversidade de pedras existentes no edifício, com especial ênfase para os vários tipos de mármore nacionais, como o verde de Viana e o Estremoz, e alguns mármore de outras proveniências mais longínquas, como o Nero Marquina, de Espanha, ou um Mármore Verde, muito provavelmente da América do Sul (mais propriamente da Guatemala ou da Argentina). É também de referir a presença de outras pedras nacionais como o tradicional lioz, que, além de estar representado em toda a fachada, aparece no terraço da cobertura e em vários pavimentos interiores do edifício, e a já extinta Brecha da Arrábida que, a par do calcário lioz e do mármore de Estremoz, formam três dos quatro tipos de pedras portuguesas com estatuto de património mundial. Igualmente importantes são os painéis de azulejos que se encontram presentes em três locais do edifício, mais especificamente: um grande painel de representação quinhentista, na sala do restaurante (piso 6); um lambrim de azulejo pintado à mão em toda a extensão do corredor dos escritórios (piso 1); um painel Planisfério, recolocado no piso 5, como peça central da nova residência de designers. De menor extensão, mas igualmente alvos de restauro, são os estuques e as pinturas decorativas presentes em tetos, sancas, frisos e rodapés de diversas salas e os lustres e candelabros dos gabinetes.

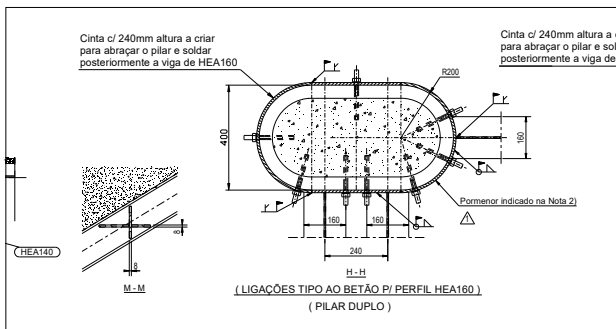
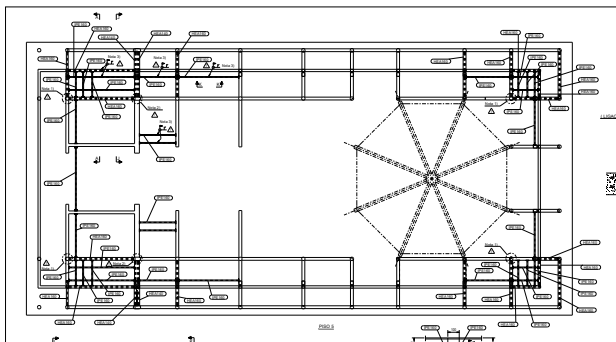
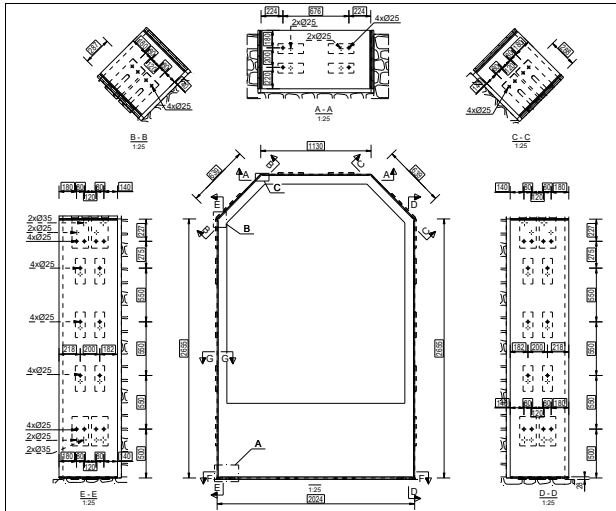
Por fim, dada a valia que tem para um museu, a iluminação teve também destaque na última metade da obra. Trata-se de um sistema altamente complexo e moderno que necessitou de muitos testes e afinações, mas que já se demarca como um dos grandes ex-líbris do edifício.

Embora indiretamente envolvida no projeto do edifício, a execução teve ainda uma dificuldade que é importante realçar: a localização do mesmo numa zona histórica com forte pressão turística, obrigou à construção de um estaleiro de apoio em altura e à criação de um espaço de cargas e descargas adaptado às viaturas cuja circulação era permitida no local.

Para o sucesso desta empreitada, impõe-se um especial agradecimento a todos os envolvidos, desde os colaboradores, aos responsáveis das empresas que participaram na execução dos trabalhos, mas também aos projetistas, à Lisboa Ocidental SRU e ao MUDE — Museu do Design. Apenas com o contributo de todos foi possível chegar

ao resultado de sucesso que hoje temos.

A melhor maneira de perceber a importância de participar neste projeto é que, até os colaboradores estrangeiros que participaram na obra, alguns deles tendo, na altura, chegado recentemente a Portugal, expressaram um grande orgulho em poder contribuir para a requalificação de um edifício histórico que sentiam ser especial.



Pórticos de reforço em vãos exteriores (1 / 5). Pormenorização
2021. Teixeira Duarte Esc.s/Escala

Estrutura metálica de reforço da laje do piso 5 para permitir a instalação da Cobertura Verde. Pormenorização
2021. Teixeira Duarte Esc.s/Escala